



# REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 05, Nº 1 - 1º TRIMESTRE - 2020

# NOS

DOSSIÊ

Mulheres no mundo da estética,  
da cultura e do trabalho



# Artigos

**OUTROS**

## **O MONUMENTO AOS PRACINHAS EM ANÁPOLIS (GO): ENTRE A BARBÁRIE E O HERÓISMO**

THE MONUMENT TO THE EX COMBATANTS OF THE II WORLD WAR IN ANÁPOLIS (GO):  
BETWEEN BARBARISM AND HEROISM

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5079907>

Envio: 19/03/2020 ♦ Aceite: 04/05/2020

### **Rafael Oliveira Faria**



Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás; mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás.

### **Eliézer Cardoso de Oliveira**



Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília; mestrado e graduado em História pela Universidade Federal de Goiás; Professor do curso de História e do Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da Universidade Estadual de Goiás.

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo proceder uma análise estética do Monumento aos pracinhas de Anápolis, isto é, o memorial construído em homenagem aos soldados anapolinos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que lutaram em campos europeus na Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, a problemática é debater sobre as várias possibilidades de leitura do monumento, destacando uma mais ufanista que destaca os aspectos relacionados ao patriotismo e o heroísmo dos soldados e outra mais crítica mostrando os aspectos traumáticos da guerra.

**PALAVRAS CHAVES:** Monumento, Pracinhas, Segunda Guerra Mundial, Anápolis.

**ABSTRACT**

The present work aims to carry out an aesthetic analysis of the Monumento dos Pracinhas of city of Anápolis, that is, the memorial built in honor of the soldiers of Anápolis city of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) who fought in European fields in World War II. In this sense, the problem is to debate about the various possibilities of reading the monument, highlighting one more proud that highlights the aspects related to the patriotism and heroism of the soldiers and another more critical showing the traumatic aspects of the war.

**KEYWORDS:** Monument, ex combatants, World War II, Anápolis city.

**INTRODUÇÃO**

O objeto principal deste artigo, o monumento erigido em homenagem aos pracinhas, situa-se na praça do Expedicionário (o nome da praça refere-se ao monumento), no centro da cidade de Anápolis, Goiás. O monumento exalta os pracinhas – os militares brasileiros que lutaram na II Guerra Mundial - como heróis e defensores da liberdade. Nesse sentido, além da homenagem aos ex-combatentes, o monumento é um documento de exaltação a valores relacionados ao patriotismo e valorização da ação heroica militar.

Contudo há uma outra possibilidade de leitura do monumento, mostrando-o também como um documento da barbárie ocorrida durante a II Guerra Mundial, sendo fonte de trauma, dor, morte e sofrimento nos ex-combatentes.

O estudo do Monumento é importante, porque demonstra a representação simbólica da atuação dos soldados brasileiros na II Guerra Mundial, uma das guerras mais importantes de todos os tempos. O Monumento, nesse sentido, reforça uma ideologia nacionalista que valoriza os símbolos pátrios e concebe o Exército como centro da devoção patriótica brasileira. A pesquisa do Monumento reveste de uma explícita

atualidade, já que, no contexto atual, as ideologias que perderam força após a Redemocratização do país, retornaram com força total na sociedade brasileira.

A pesquisa irá utilizar vários conceitos e categorias pertinentes à análise do tema. O primeiro é o de pracinha, um termo popularmente usado para a definição dos soldados da Força Expedicionária Brasileira que atuaram nos campos de batalha da Europa na II Guerra mundial. Segundo João Barone:

No Brasil, o ato do alistamento é conhecido como “sentar praça”. “Praça”, além de indicar o local onde fica um quartel, também é a designação para soldado raso em serviço. O jovem praça alistado para compor a FEB passou então a ser conhecido como “pracinha” (BARONE, 2013, 108).

Com isso, o termo se tornou bastante difundido e ganhou um lugar simbólico e foi apropriado pela própria FEB e pelos ex-combatentes. Isso explica o fato de o nome oficial do monumento de Anápolis ter incorporado o termo “pracinha”.

O segundo é o de monumento. Um monumento é entendido como um patrimônio cultural, isto é, o sentido simbólico dado a esse patrimônio, materializado em um monumento. Um sentido que tem como objetivo rememorar algo. Choay expõe muito bem sobre esse conceito:

Chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. (CHOAY, 2001, p. 18).

O monumento dos pracinhas estudado nesse trabalho representa muito bem o que a autora conceituou acima: uma edificação que busca rememorar um dado acontecimento; no caso, o sacrifício que os soldados brasileiros fizeram pela sua pátria na Segunda Guerra Mundial.

O terceiro é de memorial de guerra. O século XX, com a sua primeira metade abalada e conturbada por duas Guerras Mundiais com proporções destrutivas e com um morticínio jamais vistos, deixou um peso na consciência de várias pessoas criadas à luz de todos esses acontecimentos. E esse peso na consciência se mostra na necessidade física e simbólica de lembrar de todos os entes queridos que se perderam nessas grandes catástrofes.

Na Europa, principal território atingido por essas guerras, foi desenvolvido uma atitude de criar memoriais de guerras e outros tipos de monumentos para lembrar das pessoas, tanto militares como civis, que perderam suas vidas nesses conflitos desastrosos. No entanto, a questão militar – o memorial dos mortos em combate – prevaleceu por causa de sua simbologia política destacada no nacionalismo, e pelo simbolismo do herói de guerra, procurando construir uma imagem dos corajosos soldados que deram sua vida pela sua pátria, pelo seu povo e pela sua nação.

O memorial de guerra foi adotado por várias nações da Europa e não seria exagero dizer, por grande parte do resto do mundo também, independentemente de seu regime político e econômico. No pós-guerra, com o mundo mergulhado na Guerra Fria, tanto países comunistas quanto capitalistas se viam na obrigação de homenagear os soldados mortos em combate de seus países.

Na segunda metade do século XX, vários monumentos aos soldados que lutaram na II Guerra Mundial foram construídos nas cidades brasileiras, monumentos estes que podem ser analisados como memoriais de guerra, mas podem também ser interpretados de forma crítica. É nesses dois aspectos que se pretende analisar o Monumento em Memória aos Pracinhas, construído na cidade de Anápolis. Para isso, o artigo divide-se em dois tópicos: o primeiro analisa o impacto das guerras na representação estética e o segundo analisa especificamente o monumento de Anápolis.

## **O IMPACTO DA II GUERRA MUNDIAL NA REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA**

As guerras são acontecimentos catalisadores da barbárie, crueldade e sofrimento humano. No entanto, elas também são inspiradoras de obras de valor estético. Por causa das atrocidades perpetradas durante as guerras napoleônicas, o mundo foi apresentado pelo romance “Guerra e Paz”, de Liev Tolstói, e pelo conjunto de gravuras denominadas de “Los Desastres de la Guerra”, de Francisco Goyá. Por causa da crueldade da I Guerra Mundial, foi escrito o romance “Nada de novo no front”, de Erich M. Remarque; inspirado nos horrores da Guerra Civil espanhola, Picasso pintou Guernica, um dos mais representativos quadros do século XX.

Evidentemente a II Guerra Mundial inspirou uma grande quantidade de representações estéticas que seria impossível listá-las neste artigo. Algumas delas

tiveram um forte impacto no meio cultural brasileiro, como o poema de Carlos Drummond de Andrade “Carta a Stalingrado” ou o de Vinicius de Moraes “Rosa Hiroshima”, que depois se tornou bastante popularizado quando foi musicado pelo grupo Secos e Molhados.

Produções estéticas menos populares foram erigidas para homenagear os soldados que pereceram no campo de batalha. São monumentos que tem a função de relembrar os mortos por meio de memoriais. Segundo Koselleck, os memoriais de guerra

são supostamente construídos para recordar a morte violenta proveniente das mãos de outros seres humanos. Além de lembrança, a questão de conhecer as razões desta morte também é importante. Aqui, fatores de arbitrariedade, liberdade e voluntariedade, bem como fatores de coerção e violência, entram em jogo. Para além da morte natural, por assim falar, essas mortes necessitam de legitimação e, obviamente, são, portanto, especialmente dignas de lembrança (KOSELLECK, 2002: p. 287, tradução do autor).

Essa legitimação, a que Koselleck se refere, trata do simbolismo da morte na guerra, o qual carrega um sentido social. Ora, os soldados que lutaram na linha de frente obtiveram o destaque de agentes do nacionalismo, isto é, os bravos homens que deram suas vidas pelo seu país e pela sua nação. Por isso, Koselleck afirma:

Os mortos em ação são identificados de um modo respeitosos: como heróis, vítimas, mártires, vencedores, pessoas da família, possivelmente também como os derrotados; Além disso, como possuidores de honra, fé, glória, lealdade, dever; e, finalmente, como guardiões e protetores da pátria, da humanidade, da justiça, da liberdade, do proletariado ou de uma forma particular de governo. A lista poderia ser ampliada. (KOSELLECK, 2002, p. 286).

A morte na guerra carrega todo um sentido representativo de admiração e de respeito, indicando que os soldados morreram por uma causa legítima: a honraria de ter morrido pela sua nação, pelo seu povo, pela sua cultura e vários outros motivos que demonstram valor merecido para ser lembrado. Daí a existência de vários monumentos que procuram lembrar o sacrifício dos soldados pela nação, como os túmulos do soldado desconhecido ou os monumentos aos ex-combatentes.

Contudo, é preciso levar em conta o alerta de Walter Benjamin para o sentido trágico presente nesses tipos de monumentos.

Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie. E, do mesmo modo que ele não pode libertar-se da barbárie, assim também não o pode o processo histórico em que ele transitou de um para outro. (BENJAMIN, 2016, p. 13).

As manifestações estéticas sobre a guerra, como documentos da cultura, carregam a barbárie da tragédia que esta representa. Para Benjamin, os documentos da cultura moderna, em sua complexidade, refletem a tragédia de seu período histórico. O heroísmo dos soldados não deve servir para a legitimar a barbárie que a guerra representa para a humanidade. Aliás, durante a II Guerra, no Jornal A Cidade de Goiás, um militar enfatizou as atrocidades das batalhas, numa postura crítica que lembra a de Walter Benjamin.

Troa o canhão, zumbe o avião e matraqueia a metralhadora por toda a parte da velha Europa. Há milhares de viúvas e de órfãos sem amparo, sem teto e sem pão. Milhões de homens aptos para o trabalho matam-se uns aos outros numa Guerra impiedosa e desumana sem precedentes na história do Globo Tereno. Parece que estamos regressando aos tempos da Barbaria. Desaparecem os tratados pró paz. De nada vale, já a diplomacia. A justiça foi transformada em Lei e vendida aos que mais fortes sejam. Fortes, não em Razão e Bom Senso, mas em Poderio Belicoso. Desaparecem as pequenas e lendárias nações onde os seus habitantes laboriosos, progressistas e pacíficos jamais pensaram em serem escravizados e despojados de suas terras que tanto amavam. A guerra de heroísmo e de bravura, de valor de cada combatente, foi substituída pela luta bárbara e impiedosa. A química, essa ciência que nos fornece tanto elementos criadores, serve, hoje para dar aos beligerantes os mais terríveis elementos destruidores da humanidade (AZEREDO FILHO, Capitão. In. Jornal "Cidade de Goiaz", Goiás, de junho de 1940).

O mais surpreendente é que esse texto foi escrito em 1940, quando as atrocidades da II Guerra ainda estavam apenas no início e o mundo ainda desconhecia a barbárie dos campos de extermínios e os horrores da guerra no continente asiático.

Os memoriais de guerras e os monumentos aos ex-combatentes, na ânsia de homenagear o heroísmo e a abnegação, silenciam sobre as atrocidades e a barbárie dos campos de batalhas.

## O MONUMENTO AOS PRACINHAS DE ANÁPOLIS

Foram criados consideráveis monumentos para homenagear os pracinhas. A necessidade de rememorar os soldados brasileiros que lutaram na linha de frente da Segunda Guerra Mundial se concretizou em monumentos tanto no Brasil quanto no exterior. No Rio de Janeiro, foi inaugurado no ano de 1959, o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, conhecido popularmente como “Monumento dos Pracinhas” para homenagear os soldados brasileiros que lutaram na II Guerra.



Fig. 1 - Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, localizado no parque Eduardo Gomes, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento\\_Nacional\\_aos\\_Mortos\\_da\\_Segunda\\_Guerra\\_Mundial#/media/Ficheiro:Pracinhas-CCBY.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_Nacional_aos_Mortos_da_Segunda_Guerra_Mundial#/media/Ficheiro:Pracinhas-CCBY.jpg)

Monumentos desse tipo se espalharam por várias cidades do país e existe um deles até na Itália, palco da ação militar dos soldados brasileiros. Trata-se do Monumento ai Caduti Brasiliani, inaugurado no ano de 2001, na proximidade do Monte Castelo, cuja configuração é representada por dois arcos brancos, sendo que um dos arcos que aponta para o chão simboliza a morte e o que aponta para o céu simboliza a transcendência heroica do sacrifício dos soldados.



Fig. 2 - Monumento ai Caduti Brasiliani, inaugurado no ano de 2001, na proximidade do Monte Castelo, na Itália. Fonte: <http://www.portalfeb.com.br/nos-passos-da-feb/>

O monumento em homenagem aos pracinhas erigido em Anápolis foi construído em diversas etapas. Segundo o historiador anapolino Humberto Crispim Borges (1975, p. 138), primeiramente foi construído um “obelisco de suma importância, [que] se situa na Praça do Expedicionário Brasileiro, sendo também em homenagem aos integrantes da extinta FEB, que combateram durante a segunda Guerra Mundial.” Quando da inauguração do obelisco, a praça teve o seu nome alterado para fazer referência aos expedicionários brasileiros.

Primeiramente denominada de praça Capitão Silvério Pedro da Silva e depois Mário Caiado. Durante a Revolução dos anos 30 passou a chamar-se Praça da Bandeira e assim foi até 1953, quando, por força de Lei Municipal, passou a denominar-se “Praça do Expedicionário”. (ARIMATHÉA, 2007, p. 35).

Em 1976, foi acoplado ao monumento uma placa de metal com o nome dos soldados que pereceram no campo de batalha, como deixa claro os seguintes dizeres: “aos heroicos brasileiros que tombaram no campo de honra. A gratidão sincera e perpétua dos que continuaram de pé”. Abaixo dela, outra placa com os nomes de dezessete soldados e os seguintes dizeres: “A homenagem do povo anapolino aos ex-

combatentes da Força Expedicionária Brasileira que lutaram pela liberdade nos campos de Batalha da Europa”.

A iniciativa para a instalação das placas foi de um vereador anapolino:

Numa homenagem aos pracinhas anapolinos, atendendo requerimento do vereador Antônio Caputo, a Prefeitura está concluindo a montagem de uma placa especial com o nome de todos os pracinhas residentes em Anápolis, que lutaram na Itália. A Placa está sendo colocada na Praça do Expedicionário na confluência da 10 de março com Manoel D’Abadia. Amanhã, durante as festividades do Sete de Setembro, a placa vai ser inaugurada oficialmente (Correio de Planalto, 6 a 12 set. 1976).

A escolha de uma data cívica para a inauguração da acoplagem da placa ao monumento reforça a narrativa que vincula a participação dos soldados na II Guerra ao nacionalismo, uma atitude bastante incentivada durante o Regime Militar. Patriotismo e guerra sempre estiveram próximos, o que justifica a escolha da data para a inauguração do monumento.

A inauguração do monumento foi cuidadosamente pensada como um ritual cívico, conforme se percebe na descrição da programação no jornal anapolino Correio de Planalto.

As 17 horas e 10 minutos, em palanque na Praça Bom Jesus, apresentação de uma peça infantil com um grupo teatral da Secretaria da Educação. Dez minutos após, prevê-se a inauguração da Placa dos Expedicionários, na praça do Expedicionário. As 18 horas, devem ser arriadas as Bandeiras em todos os pontos da cidade (Correio de Planalto, 30 ago. 1976).

Quarenta minutos depois da inauguração da placa em que está registrado os nomes dos pracinhas, às 18 horas, foi arriada a bandeira nacional em todos os pontos da cidade! A bandeira que foi levantada pelos pracinhas na linha de frente.

Vinte e um anos depois, em 1997, foi adicionado no memorial aos pracinhas uma escultura de um busto de um soldado e outra placa com os nomes de ex-combatentes das cidades de Anápolis e Corumbá que lutaram na Europa, mas que não morreram no campo de batalha. Essa placa foi uma homenagem da Associação dos Ex-combatentes do Brasil.



Fig. 3 - O monumento dos pracinhas – Anápolis GO. À esquerda o monumento visto de frente; à direita o monumento visto de costa. Foto do autor.

Do ponto de vista estético, o mais importante foi a colocação de uma escultura de um busto de um soldado segurando o seu fuzil em cima de um obelisco. É uma escultura monocromática em cor escura, na qual se percebe um olhar altivo do soldado. O autor da escultura foi José Rodrigues Loures (1944-2001), um escultor goiano nascido em Ouro Verde, mas que se destacou na carreira em Anápolis.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi analisar o Monumento dos Pracinhas em Anápolis, concebendo-o como uma representação estética da participação dos soldados brasileiros na II Guerra Mundial. Nesse caso, o monumento foi visto como um documento das várias representações que a guerra inspirou aos brasileiros.

O modo como o monumento foi construído, utilizando representações clássicas na forma de obelisco, bustos e textos em placas de metal revelam um esforço para a

construção de uma narrativa que vincula a ação da FEB na Europa ao heroísmo, luta pela libertação, abnegação, patriotismo. Durante o Regime Militar, especificamente em 1976, quando o monumento passou por sua primeira alteração estética, essa leitura ufanista foi bem mais enfatizada, pois ela servia para legitimar a ação política dos militares. Por isso, a escolha do 7 de setembro como data para a inauguração das alterações no monumento, seguida de um ritual que envolvia desfile e hasteamento de bandeiras.

A leitura heroica da participação dos soldados brasileiros nos combates em solo italiano não é descabida, pois há vários registros de bravura e abnegação por parte dos soldados que, mesmo diante do despreparo e da falta de equipamentos, conseguiram vitórias importantes numa guerra de libertação e combate ao fascismo.

Contudo, o heroísmo é apenas uma das leituras possíveis que o monumento procura perpetuar na memória coletiva do povo anapolino. Cada monumento possui sua intencionalidade política, pois são frutos da mobilização de determinadas categorias sociais. Esse é o sentido do monumento como um Memorial de Guerra, conforme foi bem explicitado por Reinhard Koselleck.

Há uma outra possibilidade de leitura do monumento dos pracinhas a partir das considerações críticas de Walter Benjamin, considerando o monumento como representação da barbárie. Longe de ser só heroísmo e bravura, a guerra é fonte de insensatez, sofrimento, morte, dor, medo, choro, destruição, angústia. Os soldados brasileiros foram sujeitos e vítimas desse lado macabro da guerra. O soldado, ao matar o inimigo mata também parte da sua humanidade, o que explica o efeito traumático da guerra em muitos ex-combatentes.

Olhar para o Monumento dos Pracinhas e vislumbrar o medo, a angústia dos soldados não é diminuir o valor de sua ação. Pelo contrário, é mostrar uma empatia por todo o sofrimento por que passaram. Por isso, como respeito a esses jovens da cidade de Anápolis e Corumbá que foram lutar em país estranho na maior guerra de todos os tempos, o artigo vai homenageá-los citando o nome de cada um deles.

**SOLDADOS DE ANÁPOLIS E CORUMBÁ QUE LUTARAM NA II GUERRA MUNDIAL**

Antônio de Pádua da Silva Leão  
Edelvício Amor de Souza  
Francisco Herculano Fleury Curado  
Franklim de Moura  
Geraldo Sebastião Curado Fleury  
Gerson de Deus  
Gerson Pereira da Veiga  
Guilherme Fleury Curado  
Gumerindo Ramos Lima  
Hélio Ferreira de Paiva  
Humberto Afonso Fontoura  
João Mendes de Souza  
Joaquim da Conceição  
Joaquim Propício de Pina Neto  
Jofre Martins de Araújo Oliveira  
José Lopes Santana  
José Nicanor Urany

Antônio Souto  
João Crisóstomo Braga  
Joaquim de Araújo Inácio  
Manuel Gomes  
Manuel Pinho Costa  
Milton Jaciton da Silva  
Odir Geraldo de Souza Vale  
Olentino Correi Peres  
Olides Garcia Rosa  
Pedro Afonso de Souza  
Sebastião Gonçalves Moreira  
Sebastião Onofre Farnesi  
Sebastião Pereira Farinha  
Wady Elias Jorge  
Waldyr O´Dwyer  
Wilson Moreira de Andrade

Que os mortos descansem em paz e que os vivos não esqueçam os sacrifícios que deixaram nos campos de batalhas.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO FILHO, Capitão. **“Brasil em Guarda!”** In. Jornal “Cidade de Goiás”, Goiás, de junho de 1940. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso no dia 28 de outubro de 2019.

BARONE, João. **1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira, 2013.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: **Mágica e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

BORGES, Humberto Crispim. **História de Anápolis**. Editora C E R N E, 1975.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação liberdade: UNESP, 2006.

JORNAL, Correio do Planalto. **“Pronta a programação do Dia da Pátria”**. Anápolis, 30 de agosto de 1976.

JORNAL, Correio do Planalto. **“Uma homenagem aos pracinhas”**. Anápolis, Goiás, 6 a 12 de setembro de 1976.

KOSELLECK, Reinhart. **The practice of conceptual History: Timing History, Spacing Concepts**. Stanford: Stanford University Press, 2002.

